

GROUNDING THEORY: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA CONGRUENTE COM A PESQUISA EM TURISMO

Grounding Theory: A Methodological Approach Congruent with Tourism Research

STELA CRISTINA HOTT CORRÊA¹, MARLUSA DE SEVILHA GOSLING²

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i4p839>

RESUMO³

A Teoria Fundamentada nos Dados ou Grounded Theory é um método de pesquisa apropriado ao exame de dados qualitativos para a extração de conceitos organizados em torno de categorias básicas que, uma vez integradas, estabelecem uma teoria substantiva acerca do fenômeno estudado. Internacionalmente, os pesquisadores do Turismo vêm empregando a Grounded Theory em suas pesquisas, mas, no Brasil, ela tem sido escassamente utilizada. Assim, este trabalho tem por objetivo apresentar as bases da Teoria Fundamentada nos Dados, evidenciando as semelhanças e diferenças entre suas três versões, e apontar o uso desta metodologia nas pesquisas do Turismo. Este trabalho é de natureza bibliográfica, fazendo uma revisão integrativa da teoria. A Grounded Theory tem se mostrado apropriada para estudar a experiência do viajante, mas seu uso pode ser ampliado, uma vez que ela pode estar associada a outros métodos de pesquisa, como a etnografia, favorecendo a criação de teorias turísticas substantivas ou, simplesmente, a apropriação de um tema nos estágios iniciais da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Metodologia; Teoria Fundamentada nos Dados; Método das Comparações Constantes; Amostragem Teórica.

¹ **Stela Cristina Hott Corrêa** – Mestra. Professora na Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Governador Valadares, Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1964577702715502> E-mail: stelachc@gmail.com

² **Marlusa de Sevilha Gosling** – Doutora. Professora na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9503365193492380> E-mail: mg.ufmg@gmail.com

³ **Processo Editorial** – Recebido: 12 NOV 19; Aceito: 13 OUT 20.

ABSTRACT

Grounded Theory emerged as an appropriate research method for extracting from data concepts organized around basic categories that once integrated establish a substantive theory about the phenomenon. Internationally, Tourism researchers have been using Grounded Theory in their research, but in Brazil it has been scarcely used. Thus, this paper aims to present the foundations of Grounded Theory showing the similarities and differences between its three versions, and to point out how this methodology is used in Tourism research. This work is bibliographic making an integrative review of the theory. Grounded Theory has been shown to be appropriate for studying tourist experience, but its use may be expanded as it may be associated with other research methodologies such as ethnography, favoring the creation of substantive tourist theories or simply the appropriation of a theme in the early stages of the research.

KEYWORDS

Tourism; Methodology; Grounded Theory; Constant Comparative Method; Theoretical Sampling.

INTRODUÇÃO

A complexidade socioeconômica do Turismo impõe árdua tarefa aos pesquisadores em busca de sua definição, existindo tantas delas quantas sejam as perspectivas ontológicas de seus estudiosos, o que gera muitas controvérsias. Neste contexto, destacam-se definições econômicas (Leiper, 1979), técnicas (Fuster, 1971) e holísticas (Jafari, 2001). E talvez, pela existência de diferentes abordagens, alguns autores caminharam em sentido integrador, propondo uma visão sistêmica para o Turismo, entre os quais se destaca os sistema turístico de Beni (2003), que inclui os subsistemas ambiental [ecológico, econômico, cultural e social], estrutural [superestrutura e infraestrutura] e das ações operacionais por meio das quais são estudadas oferta, demanda, mercado e distribuição.

A multiplicidade de pontos de vista na definição do Turismo se reflete no debate sobre a sua construção epistemológica, que se caracteriza pela interdisciplinaridade de conceitos, teorias e métodos (Beni & Moesch, 2016). Isso significa que o fazer científico do Turismo deve considerar múltiplas possibilidades metodológicas e áreas do conhecimento para que se possa explicar a sua complexidade que se revela não linear, composta, não determinística e transfigurativa (Silva, Dantas, Medeiros, & Nobrega, 2018). Nesse caminhar, seus pesquisadores foram adotando posturas epistemológicas diversas que determinam diferentes abordagens metodológicas dependendo de suas crenças e valores. A linha positivista foi por muito tempo um dos paradigmas dominante, mas outras posturas foram adotadas ao longo do tempo como a

sistêmica, a marxista, a fenomenológica, a hermenêutica e a teoria crítica (Panosso Netto & Nechar, 2014).

Assim sendo, o Turismo e a Hospitalidade têm se favorecido de metodologias de pesquisa qualitativas, empregadas em outros campos do conhecimento, notadamente na Sociologia e Psicologia (Salles, 2018). Dentre essas metodologias, se destaca a Teoria Fundamentada nos Dados ou Grounded Theory, apresentada ao público em 1967 por Glaser e Strauss como fruto do desenvolvimento de uma metodologia apropriada à descoberta de teorias sociais ou psicossociais a partir de dados qualitativos (Glaser & Strauss, 1967). A proposta de Glaser e Strauss surgiu como um método alternativo para a pesquisa sociológica, pois a sociologia norte-americana sofria, naquele momento, de forte influência positivista. Os métodos quantitativos, e mesmo as pesquisas qualitativas, eram empregados na Sociologia dentro da lógica da verificação de hipóteses e suposições, previamente estabelecidas pelo pesquisador. Dessa forma, os dados não eram utilizados para se criar a teoria, eles eram utilizados apenas para confirmar teorias ou suposições pré-existentes (Charmaz, 2009).

Glaser e Strauss (1967) propuseram, então a teoria fundamentada como um método que procura extrair dos dados, teorias. Por meio dele, o trabalho de campo e a análise do material coletado são realizados sem que o pesquisador esteja, obrigatoriamente, direcionado por conceitos pré-existentes. Assim, ele vai a campo predisposto a descobrir categorias conceituais, que surgem ao longo de uma intensa interação com o material coletado, e que sucessivamente vão sendo depuradas num movimento cíclico de coleta e análise de dados. Ao final do processo o pesquisador tem indícios suficientes para estabelecer relações entre as categorias e propor uma Teoria Fundamentada em Dados exaustivamente analisados por comparação.

As relações descobertas entre as categorias são denominadas de hipóteses. Portanto, pode se dizer que a Teoria Fundamentada nos Dados produz “um conjunto de hipóteses conceituais integradas, sistematicamente geradas para produzir uma teoria indutiva sobre uma área substantiva” (Glaser & Holton, 2004, p. 2). Isso significa que ela extrai dos dados conceitos organizados em torno de categorias básicas, para então integrá-las em hipóteses. Dessa forma, a teoria fundamentada se difere das formas clássicas de análise dos dados qualitativos, cujos procedimentos levam o pesquisador a observar como os dados coletados refletem uma estrutura conceitual já existente (Glaser & Holton, 2004).

Existem três versões da Grounded Theory. A principal diferença entre elas é a proximidade do pesquisador ao seu referencial teórico durante o processo de teorização e, por consequência, à magnitude do seu esforço hermenêutico para se alcançar os significados expressos pelos

participantes na pesquisa. A **primeira** delas é a de Glaser e Strauss (1967). Ela marca o surgimento da metodologia, estabelecendo que o pesquisador deve abandonar os conceitos teóricos pré-existentes na construção de sua teoria fundamentada, portanto, ele assume uma perspectiva mais objetivista de pesquisa. A **segunda**, de Strauss e Corbin (2008), reflete o distanciamento de Strauss em relação Glaser, por entender que o pesquisador não desenvolve a teorização fundamentada, desembaraçada de sua literatura profissional e acadêmica. Além disso, ao longo do processo, ele descobre bibliografias, biografias, manuscritos, relatórios de pesquisa, dentre outros, que também podem influenciar a sua análise. Strauss e Corbin (2008) argumentam que este material pode ser usado para aumentar e não restringir o desenvolvimento da teoria.

A **terceira** versão, de Charmaz (2009), que foi aluna de Glaser e orientanda de Strauss, também reconhece que a fundamentação teórica está presente na formação do pesquisador e que ela permeia a elaboração da pesquisa. Portanto, a autora compreende que os dados e a teoria não são descobertos isoladamente da subjetividade do pesquisador. Eles são construídos na interação entre entrevistados e pesquisadores, incorporando significados, opiniões e experiências de ambos. Assim, “qualquer versão teórica oferece um retrato interpretativo do mundo estudado e não um quadro fiel dele [...] e as teorias fundamentadas concluídas dos pesquisadores são construções da realidade” (Charmaz, 2009, p. 25). Além disso, a autora é bastante flexível na recomendação dos procedimentos metodológicos da Ground Theory, sugerindo que eles podem ser usados para a compreensão de um tema até à construção de uma teoria.

Os periódicos estrangeiros do Turismo e Hospitalidade têm recebido trabalhos empregando a teoria fundamentada desde a década de 1990 (Green & Chalip, 1998; Martin & Woodside, 2008) até recentemente (Coelho, Gosling & Almeida, 2018; Kornilaki & Font, 2019; Matteucci & Filep, 2017; Sthapit & Jiménez-Barreto, 2018), evidenciando o valor dessa metodologia para descobertas nos estudos do Turismo. Por outro lado, uma pesquisa nos periódicos nacionais do Turismo e Hospitalidade revelou a escassez de trabalhos empregando a Teoria Fundamentada nos Dados, portanto, havendo espaço para ampliar o emprego deste método nas pesquisas brasileiras em Turismo e Hospitalidade (Sant’Anna, Nelson & Oliveira, 2011; Gomes, Vargas-Sánchez & Pessali, 2014).

Neste sentido, o conhecimento das três versões da Teoria Fundamentada proporciona ao pesquisador maior segurança no trabalho de campo, sendo-lhe recomendado informar aos seus leitores qual das versões foi empregada na pesquisa (Matteucci & Gnoth, 2017). Sendo assim,

este trabalho tem por objetivo apresentar as bases da Teoria Fundamentada nos Dados, de acordo com as versões propostas por Glaser e Strauss (1967), Strauss e Corbin (2008), e Charmaz (2009), evidenciando as suas semelhanças e diferenças e apontando o seu uso nas pesquisas em Turismo. Com isso, espera-se que este trabalho seja um estímulo para que os pesquisadores brasileiros, que estudem o Turismo e afins, utilizem a Teoria Fundamentada como método de pesquisa em suas investigações de cunho qualitativo.

Este estudo se caracteriza por ser um trabalho bibliográfico que realiza revisão integrativa (Zupic & Čater, 2015) dos autores seminais sobre a Teoria Fundamentada nos Dados, assim como de autores que a empregam nas pesquisas sobre o Turismo. Para isso foram extraídos da base Scopus os trabalhos que reuniam em seu título as chaves de busca <tourism> e <Grounded Theory>. Para buscar por trabalhos brasileiros que associam a Teoria Fundamentada ao Turismo, foram analisados os periódicos nacionais da área, com classificação no sistema Qualis-Periódicos e os trabalhos apresentados nos anais dos seminários da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR). O artigo apresenta, como contribuições, a descrição dos procedimentos a serem empregados no uso da Teoria Fundamentada nos Dados, as três diferentes abordagens em sua aplicação, exemplos de pesquisas no Turismo utilizando este método de pesquisa, e o uso de formas alternativas de coleta de dados que se desviam das técnicas mais comuns empregadas na teorização fundamentada nos dados, o que talvez seja um reflexo da própria complexidade do Turismo.

A revisão de literatura, que se segue tem por objetivo ilustrar os principais procedimentos adotados na teorização fundamentada nos dados: Comparações constantes e amostragem teórica; codificação e categorização; a redação de memorandos; e a codificação teórica ou seletiva. Em seguida é feito um comparativo entre as três abordagens desse método e apresentado o uso da Teoria Fundamentada no âmbito dos estudos do Turismo. As considerações finais encerram o trabalho.

OS PROCEDIMENTOS DA GROUNDED THEORY

Para os criadores da teoria fundamentada, uma teoria “denota um conjunto de categorias bem desenvolvidas [ex.: temas, conceitos] que são sistematicamente inter-relacionadas através de declarações de relação para formar uma estrutura [...] que explique alguns fenômenos” (Strauss & Corbin, 2008, p. 35). As teorias podem ser substantivas ou formais (Glaser & Strauss, 1967). As teorias substantivas explicam situações cotidianas relacionadas a um grupo de pessoas ou local, portanto são mais específicas. As teorias formais são grandes e abrangentes, incluindo a

compreensão de múltiplas áreas substantivas, como por exemplo, a teoria das trocas sociais (Cook, Cheshire & Gerbasi, 2018).

As teorias substantivas são formuladas pela Grounded Theory “a partir dos termos que os próprios agentes sociais usam para interpretar e organizar o seu mundo” (Pinto & Santos, 2012, p. 420). Mas, não basta obter o discurso dos entrevistados para se ter uma teoria. Ela não se constitui por si só a partir das palavras. O pesquisador deve mergulhar em um esforço hermenêutico que se inicia quando ele olha para os dados e pergunta: “o que está acontecendo aqui?”. E prossegue até vislumbrar um conjunto de conceitos e relações configurando de fato uma teoria substantiva (Glaser & Strauss, 1967). Neste caminho, ele adota procedimentos que o mantêm no seu objetivo e que fazem da Grounded Theory, um método. Estes procedimentos incluem as comparações constantes e a amostragem teórica, a codificação e a categorização, a redação de memorandos, e o estabelecimento da codificação teórica ou seletiva. Eles serão apresentados a seguir.

Comparações constantes e amostragem teórica - Dois aspectos da Teoria Fundamentada são centrais para se alcançar a formação de teorias substantivas: a comparação constante e a amostragem teórica. A comparação perpassa todo o processo de teorização interligando a coleta de dados [amostragem teórica], com a análise [codificação e categorização] e a formulação da teoria [redação da teoria] (Pinto & Santos, 2012). Na comparação incidente por incidente, cada incidente é comparado com outro em busca de suas propriedades e dimensões para que ele seja agrupado em uma categoria. Pode-se comparar enunciados dentro de uma mesma entrevista ou entre entrevistas distintas, ou se pode comparar sequencialmente os enunciados, como por exemplo, enunciados das primeiras entrevistas com enunciados das últimas entrevistas, ou enunciados de eventos em períodos distintos (Charmaz, 2009).

De acordo com Glaser e Strauss (1967), na amostragem teórica o pesquisador coleta, codifica e analisa seus dados para então decidir quais dados coletar em seguida a fim de desenvolver sua teoria à medida que ela surge. A teoria emergente opera como um guia para a coleta de dados. Assim, novas entrevistas vão sendo realizadas para obter material que possa auxiliar a desenvolver as propriedades das categorias em análise até que não surjam mais propriedades novas. Nesse ponto, as categorias estão saturadas em suas propriedades e dimensões e podem ser classificadas e relacionadas graficamente integrando a teoria emergente (Charmaz, 2009).

Todo dado pode ser útil na elaboração da teoria incluindo observações de campo, narrativas de entrevistas individuais ou em grupo, debates oriundos de grupos de discussão na Internet, informação documental ou questionários preenchidos (Charmaz, 2009). No entanto, o dado

obtido através da entrevista intensiva é aquele considerado como o mais adequado e relevante para a construção da Teoria Fundamentada, porque o pesquisador procura apreender conceitos e seus significados a partir das perspectivas dos entrevistados (Charmaz, 2009). Um roteiro de entrevista pode auxiliar o pesquisador durante a entrevista intensiva, mas à medida em que o trabalho de campo avança, o processo de comparação acaba levando o pesquisador a revisar seu roteiro ou a utilizá-lo com flexibilidade já que o objetivo é obter conceitos novos ou explorar os existentes (Pinto & Santos, 2012).

Codificação e categorização - O esforço de comparação dos dados é utilizado para o desenvolvimento de códigos e categorias. Glaser e Strauss (1967) afirmam que os elementos da teoria são as categorias conceituais, suas propriedades, e hipóteses (relações) que integram as categorias e suas propriedades. Strauss e Corbin (2008) propuseram três etapas para o processo de codificação: Codificação aberta, axial e seletiva. A codificação aberta é o processo analítico por meio do qual os conceitos são identificados e suas propriedades e dimensões são descobertas nos dados. Ela é constituída da geração de códigos, onde o fenômeno é rotulado. Posteriormente, os códigos são agrupados em termos explicativos mais abstratos formando categorias com propriedades e dimensões. Na codificação axial as categorias são relacionadas às suas subcategorias, as quais “respondem questões sobre o fenômeno, como, por exemplo, quando, onde, por que, quem, como e com que consequências, dando assim, um maior poder explanatório ao conceito” (Strauss & Corbin, 2008, p. 124). Ou seja, o pesquisador toma uma categoria e a relaciona com as subcategorias para explicar o fenômeno. Com isso, ele identifica a variedade de condições, ações/interações e consequências associadas a um fenômeno. Por fim, na codificação seletiva, as categorias são integradas formando um esquema teórico maior. Ela é denominada por Charmaz (2009) de codificação teórica e será trabalhada em seu próprio tópico posteriormente.

Na visão de Charmaz (2009), a codificação axial pode restringir a criatividade dos pesquisadores na construção de códigos e categorias porque as condições, ações e consequências acabam funcionando como uma codificação pré-estabelecida que eles já levam para a análise dos dados. A autora defende a flexibilidade no uso do método, de forma a que o pesquisador seja livre para decidir como aplica-la. Para ela, a Teoria Fundamentada tem uma abordagem construtivista-interpretativista, na qual o pesquisador faz a teorização do trabalho interpretativo realizado pelos entrevistados e reconhece que a teoria resultante é também fruto da sua própria interpretação. Assim, ela sugere a codificação em um processo de duas fases, incluindo: (1) a fase inicial que envolve a codificação de cada palavra, linha ou segmento de dado; (2) a fase

focalizada e seletiva onde os códigos iniciais mais significativos ou frequentes são utilizados para classificar, sintetizar, integrar e organizar grandes quantidades de dados.

O objetivo da codificação inicial é buscar ideias analíticas para prosseguir com novas coletas de dados e o objetivo da codificação focalizada é detectar e desenvolver as categorias para que nas etapas analíticas posteriores se proceda a integração teórica. Na codificação inicial o pesquisador deve olhar para os dados e pergunta: ‘o que os dados estão dizendo?’, ‘esses dados representam o estudo de quê?’ ou ‘qual categoria teórica esse dado específico indica?’ (Glaser & Holton, 2004). O Quadro 1 sintetiza o pensamento de Charmaz para a codificação inicial.

Quadro 1 – Resumo do pensamento de Charmaz (2009) sobre a codificação inicial

Observar as ações em cada segmento de dados em vez de aplicar categorias preexistentes a eles.
Utilizar gerúndios na codificação para auxiliar a detectar processos.
Os códigos iniciais são provisórios. O pesquisador deve se manter aberto a outras possibilidades analíticas, para então elaborar códigos que melhor se adaptam aos dados, e observar lacunas nas quais outros dados serão necessários para a elaboração das categorias e da teoria.
Manter os códigos simples, curtos e precisos.
Comparar sistematicamente dados com dados.
Ao se comparar eventos de rotina, deve-se comparar e codificar primeiramente os eventos semelhantes para se definir os padrões e processos significativos. Em seguida, deve-se comparar os eventos dissimilares para obter ideias adicionais.
Se os códigos definirem uma perspectiva do processo diferente daquela sustentada pelo entrevistado, ela deve ser investigada, pois podem vir de ações e significados ocultos.
A perspectiva do pesquisador deve ser encarada como uma perspectiva entre muitas e não deve ser usada para prejudicar as ações que estão sendo codificadas. Ao invés disso, o pesquisador deve observar como os entrevistados compreendem as próprias situações.
Deslocar-se rapidamente pelos dados para perceber as ações.
A codificação pode ser palavra por palavra, linha por linha ou incidente por incidente. A codificação palavra por palavra é preferível quando os dados são efêmeros, como aqueles obtidos na Internet. A codificação linha a linha é indicada quando se tem entrevistas, observações, documentos ou etnografias e autobiografias. Na codificação incidente por incidente, o pesquisador observa um incidente completo, que poderá permear uma linha ou mais da narrativa.
Utilizar transcrições completas de entrevistas e notas de campo. As entrevistas retratam o que o entrevistador ouve e as notas, quase sempre, incluem a interpretação do pesquisador vê.

Fonte: Elaborada pelas Autoras, a partir de Charmaz (2009).

Ao se fazer a codificação focalizada, Charmaz (2009) orienta que o pesquisador não deve olhar necessariamente para o seu conjunto de códigos anteriores na tentativa de agrupá-los em um novo código, antes ele deve olhar para o conjunto de dados e tentar agrupá-los sob um código anterior que melhor os representa. Esse código já foi mencionado e ele é escolhido porque teve maior significado ou foi mais frequente. Além, das codificações apresentadas por Charmaz (2009) e Strauss e Corbin (2008), Saldaña (2016) enumera, explica, exemplifica e mostra em que tipo de material, documentos, dados e pesquisa aplicar diversos tipos de codificação para

pesquisas qualitativas. O autor complementa os autores seminais da teoria fundamentada mostrando detalhadamente como usar a codificação *in vivo*, de processo, inicial, focada, axial e teórica. Além disso, ele apresenta a codificação estrutural como um trabalho de base antes de uma codificação detalhada adicional.

Memorandos - Entre a coleta, análise e novas coletas, o pesquisador deve redigir os memorandos. Eles auxiliam o pesquisador a elaborar processos, suposições, e ações ocultas pelos códigos e categorias. Para Saldaña (2016) o memorando é o instrumento pelo qual o pesquisador vê a teoria surgir, pois é no seu esforço de escrita que a reflexão sobre a estrutura de códigos acontece. O memorando deve definir a categoria, explicar suas propriedades, especificar as condições sob as quais a categoria surge, é mantida, se modifica, descrever suas consequências, e demonstrar como essa categoria se relaciona com as demais. Charmaz (2009) diferencia os memorandos iniciais dos memorandos avançados. Os memorandos iniciais são usados para explorar e preencher os códigos, direcionando nova coleta de dados. Esses memorandos iniciais podem surgir de escritas livres focalizadas, onde o pesquisador escreve livremente, porém focado nos seus dados e suas categorias. Por outro lado, os memorandos avançados são mais precisos na busca da formação da teoria fundamentada.

Representações gráficas e quadros dão suporte à redação do memorando. O exercício desse esboço libera a criatividade do pesquisador na organização do material coletado que pode ser ajustado de várias maneiras por meio de diversos agrupamentos (Charmaz, 2009). Softwares, como o ATLAS.ti e o NVivo, auxiliam no gerenciamento de dados textuais e na construção de redes de relacionamento. Com esses recursos tecnológicos, o pesquisador pode criar códigos, agrupá-los, redigir memorandos, comentários, estabelecer citações no texto e facilmente retomá-las, e desenhar redes integradoras de categorias e códigos que facilitam a visualização da teoria emergente.

Codificação teórica ou seletiva - Depois das codificações, categorizações e redação de inúmeros memorandos, a construção da Teoria Fundamentada nos Dados caminha para a codificação teórica (Charmaz, 2009) ou seletiva (Strauss & Corbin, 2008). Ela tem por objetivo integrar e sintetizar as categorias derivadas de todo o processo de codificação e análise para criar uma teoria. Para isso, o pesquisador deverá desenvolver um código teórico dado por uma categoria-código central, que resuma a explicação teórica do fenômeno estudado. Ela engloba todos os outros códigos e categorias formulados durante o processo de análise, chamando-os para si (Saldaña, 2016).

Esse código-categoria não é a teoria em si, mas sim uma palavra-chave ou frase-chave que reflete a síntese da integração das categorias desenvolvidas precedentemente (Saldaña, 2016). Ele pode ser retirado dos códigos ou categorias existentes, mas também pode ser uma palavra ou frase nova que resume os resultados anteriores. Como ele sintetiza as possíveis relações entre as categorias, ele move a história analítica em direção da formulação de uma teoria (Charmaz, 2009). A geração de um código teórico também se dá pela redação de um memorando escrito. Ele é derivado da análise dos memorandos precedentes e deve explicar como as categorias anteriormente desenvolvidas se relacionam entre si e em relação à categoria-código central. Em sua narrativa, ele descreve contextos, condições, interações e consequências. Referências aos dados coletados são evidências comprobatórias da teoria alcançada. Diagramas, gráficos e matrizes também auxiliam a desenvolver a categoria-código central (Saldaña, 2016). Saldaña (2016) recomenda que o código-categoria central deve nomear abertamente o memorando que retrata o código teórico. Para ele, o pesquisador deve ser bem explícito indicando claramente que 'a categoria central do estudo é...' e que a 'a teoria proposta é...'. Essa sugestão de Saldaña, mesmo que não empregada na redação final de um artigo, é um exercício que leva o pesquisador a refletir sobre o acabamento que será dado à teoria substantiva em sua apresentação final.

Os pesquisadores da Teoria Fundamentada consideram o seu processo de pesquisa abdução (Glaser & Strauss, 1967). Isso significa que ao derivar conceitos, categorias, suas propriedades e dimensões, o pesquisador está fazendo induções a partir dos dados. Por outro lado, ao criar hipóteses sobre as relações entre esses conceitos, o pesquisador está deduzindo a partir de dados que foram abstraídos dos dados brutos, ou seja, daqueles que foram originariamente coletados (Strauss & Corbin, 2008). Isso faz com que o processo de análise comparativa dos dados e codificação se dê pela interação entre induções e deduções (Charmaz, 2009). Além da indução e dedução, o pesquisador também faz verificações/validações do modelo teórico formulado, apurando se novos dados primários (amostragem teórica) podem ser explicados pela teoria emergente (Pinto & Santos, 2012).

Retomando o referencial teórico - A literatura é o ponto chave de distinção entre as diferentes versões da teoria fundamentada. Glaser e Strauss (1967) são contrários à realização de um referencial teórico antes do início do trabalho de campo enquanto que Strauss e Corbin (2008) prestigiam a presença da literatura ou das experiências com pesquisas anteriores na elaboração da Teoria Fundamentada, declarando que:

Corrêa, S. C. H. & Gosling, M. de S. (2020). Grounded Theory: uma abordagem metodológica congruente com a pesquisa em Turismo. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 12(4), 839-859. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i4p839>

Pesquisadores habilidosos, além de usar a literatura técnica usual, algumas vezes usam vários outros tipos de materiais publicados e não-publicados para complementar suas entrevistas e suas observações de campo. [...] A literatura não-técnica pode fornecer questões, conceitos iniciais e ideias para amostragem teórica. Ela também pode ser usada como fonte de dados (primários e complementares) ou para fazer comparações, e pode agir como base para o desenvolvimento da teoria geral (Strauss & Corbin, 2008, p. 62).

Charmaz (2009) de certa forma concilia essa divergência quando sinaliza que a revisão de literatura deva ser protelada, mas que também compreende que os pesquisadores vão a campo investidos do seu repertório de conhecimento. Portanto, ela defende que:

Os pesquisadores que utilizam a teoria fundamentada seguidamente iniciam os seus estudos com determinados interesses de pesquisa e com um conjunto de conceitos gerais [conceitos sensibilizadores]. Esses conceitos fornecem ideias a serem investigadas e sensibilizam o pesquisador no sentido de realizar determinados tipos de perguntas sobre o tópico em questão. [...] Em resumo, os conceitos sensibilizadores e as perspectivas disciplinares fornecem um ponto para começar, não para concluir. Os pesquisadores adeptos da teoria fundamentada utilizam os conceitos sensibilizadores como ferramentas provisórias para desenvolverem as suas ideias sobre os processos definidos em seus dados (Charmaz, 2009, p. 34).

Quer o pesquisador siga uma linha ou outra, findo o processo de comparação de dados, codificação e elaboração de relações entre as categorias, ou seja, de formulação da teoria, o pesquisador se volta para a elaboração do referencial teórico que a sustente. Provavelmente se a pesquisa realizada tenha se inserido dentro de um projeto de pesquisa que exigiu a elaboração prévia da bibliografia, o pesquisador retomará o referencial teórico. Por outro lado, se nada havia sido elaborado, ele iniciará sua construção. Desta forma, o referencial teórico será realizado após o processo de teorização fundamentada que culminou no delineamento da teoria substantiva. Esse esforço de redação final é uma nova fonte para comparações e análise, onde o pesquisador compara as evidências e ideias de outros estudiosos com a sua teoria fundamentada. Com isso é possível apontar se as ideias deles esclarecem as suas categorias teóricas e o modo como a sua teoria amplia, complementa ou questiona as ideias já existentes (Charmaz, 2009).

COMPARANDO AS TRÊS VERSÕES DA *GROUNDLED THEORY*

Ao longo dos anos, o método teorização fundamentada em dados foi recebendo abordagens diferenciadas. Para Glaser e Strauss (1967), o conhecimento faz parte de uma realidade objetiva, tomada como verdadeira. O pesquisador se apropria desse conhecimento extraíndo categorias dos dados coletados em uma perspectiva de neutralidade em relação ao participante e em relação aos seus conhecimentos prévios (Ferreira & Moura, 2015). Essa postura é objetivista-

positivista, porque o pesquisador tenta suprimir a sua influência na produção da pesquisa e nas interações com os entrevistados, bem como tenta ignorar o contexto social no qual os dados emergem (Charmaz, 2009).

Posteriormente, Strauss desviou-se de Glaser ao introduzir no método a codificação aberta e axial como técnicas mais objetivas que permitiriam ao pesquisador controlar sua subjetividade sem perder a sensibilidade em relação ao que é dito pelos dados. No entanto, apesar delas, os autores reconhecem que ao construir a pesquisa interagindo com os dados e suas fontes, o pesquisador acaba introduzindo nas análises uma conotação interpretativista e subjetiva, de forma que “ ao final da investigação, o pesquisador é moldado pelos dados, assim como os dados são moldados pelo pesquisador” (Strauss & Corbin, 2008, p. 53). Além disso, eles admitem a presença do referencial antes, durante e após a realização do trabalho de campo. A proposta de Strauss e Corbin é de certa forma ambígua pois pretende conciliar uma abordagem de pesquisa objetivista com uma postura interpretativista que considera a subjetividade humana na construção da realidade social (Ferreira & Moura, 2015).

Charmaz harmoniza o pensamento de Glaser, Strauss e Corbin dando à Teoria Fundamentada a perspectiva interpretativista de Strauss e Corbin, mas também defendendo o retardar da revisão bibliográfica proposto por Glaser para que o pesquisador esteja focado na sua interação com a coleta e análise de dados, deixando provisoriamente de lado as delimitações que a literatura possa impor. Apesar dessa postura, ela admite a presença de conceitos sensibilizadores na formatação inicial do trabalho de campo a ser realizado. Como meio de controle do processo de teorização, ela adota as codificações inicial e focalizada e propõem que a comparação dos dados seja intensa, sobretudo por meio da redação de memorandos e da realização de novas entrevistas que venham garantir o desenho das categorias, suas propriedades, dimensões e relações.

Ao priorizar o fenômeno de estudo e entender que seus achados são gerados a partir de relações com os participantes e que o significado de categorias, conceitos e hipóteses formuladas resultam das interpretações dos entrevistados e do próprio pesquisador, a versão de Charmaz assume uma perspectiva construtivista-interpretativista. Neste sentido, a construção do conhecimento não é resultado de uma coleta de dados, mas da criação dos dados, na qual o entrevistado reconstrói a sua experiência na narrativa, a qual estará sujeita à interpretação do pesquisador (Charmaz, 2009). Num movimento cíclico, as interpretações são orientadas pelos dados, e posteriormente, as novas coletas de dados são orientadas pelas interpretações. Talvez por isso, ela considere que a teoria fundamentada possa estar associada a um estudo

etnográfico. Porém, com a diferença que a teoria fundamentada dá prioridade ao fenômeno e seu processo enquanto que a etnografia tende para uma abordagem estrutural (Charmaz, 2009).

Nota-se que ao longo de sua obra, Charmaz (2009) sinaliza alguns pressupostos que revelam uma proposta construtivista-interpretativista em suas pesquisas:

- (1) a estratégia de pesquisa não precisa ser rígida;
- (2) a presença de conceitos sensibilizadores auxilia os pesquisadores nos estágios iniciais da pesquisa a formular um guia aberto para orientar a entrevista e a desenvolver as próprias ideias acerca dos primeiros processos observados nos dados;
- (3) a aplicação do método deve estar comprometida com o desenvolvimento das ideias emergentes, portanto, a busca por novos entrevistados objetiva aclarar um determinado ponto;
- (4) os dados devem ser relevantes, adequados e suficientes para representar o mais completamente possível o fenômeno em estudo, portanto amostras pequenas podem ser suficientes para o trabalho;
- (5) não descarta a possibilidade de utilizar outras fontes complementares de dados, como documentos históricos, registros governamentais, informações organizacionais;
- (6) dados sobre contextos de pessoas, processos e ambientes auxiliam no entendimento do fenômeno;
- (7) as questões da entrevista devem explorar o tema e não interrogar, portanto devem ter uma ênfase interacionista simbólica para explorar perspectivas, experiências e ações dos participantes, procurando atingir o significado e os símbolos atribuídos pelos entrevistados ao tópico da entrevista;
- (8) entende que a teoria fundamentada é um *continuum*, portanto o pesquisador pode optar, conforme as suas linhas epistemológicas, por uma perspectiva mais objetivista ou mais construtivista.

Considerando apenas os pressupostos epistemológicos e ontológicos do pesquisador, Ferreira & Moura (2015) destacam as diferenças entre as três abordagens da Grounded Theory [Quadro 2]. Nota-se que mesmo afastando-se de uma abordagem hipotético-dedutiva, Glaser ainda adotou uma postura positivista na condução da teoria fundamentada ao assumir a realidade social como um dado objetivo que pudesse ser apropriado pelo pesquisador sem a interferência dos significados e interpretações advindas do próprio pesquisador e do sujeito entrevistado.

Quadro 2 – Diferenças epistemológicas e ontológicas entre os teóricos da Grounded Theory

Postura	Positivista	Pós-positivista	Construtivista
Defensores	Glaser	Strauss e Corbin	Charmaz
Pressupostos	Realidade objetiva e externa	Assume os pressupostos do positivismo (realidade externa e objetiva)	Assume o relativismo de múltiplas realidades sociais
	Observador neutro que descobre dados	Reconhece a intervenção do sujeito	Reconhece a criação de conhecimento pelo observador e observado
	Papel reduzido das questões de pesquisa	Ênfase nas técnicas e procedimentos para minimizar a intervenção	Visa à compreensão interpretativa dos significados dos sujeitos
	Obtenção objetiva dos dados		

Fonte: Ferreira & Moura (2015).

A obra de Charmaz (2009) tem como virtude as explicações práticas que ela dá para a aplicação do método, detalhando técnicas para a coleta de dados, amostragem teórica, entrevistas e codificação. A autora não negligencia as contribuições de seus predecessores, antes ela explica a metodologia sob o ponto de vista deles e em seguida apresenta suas propostas com concordâncias ou discordâncias, e exemplos de aplicação. O Quadro 3 apresenta as semelhanças metodológicas entre os autores seminais da Teoria Fundamentada nos Dados.

Quadro 3 – Semelhanças metodológicas entre os autores seminais da Grounded Theory

Teoria Fundamentada nos Dados	
Pontos comuns entre Glaser e Strauss (1967), Strauss e Corbin (2008) e Charmaz (2009)	
1.	Processo interativo entre pesquisador e dados coletados.
2.	Dados analisados por comparação.
3.	Amostragem teórica.
4.	Todo dado é útil, qualitativo ou quantitativo.
5.	Inferência abdução.
5.	Foco analítico na busca de propriedades, dimensões, relações e processos.
7.	Uso de memorandos auxiliares para a realização da amostragem teórica, análise dos códigos, definição das categorias, suas propriedades e relações.
8.	As categorias conceituais são extraídas dos dados.
9.	Os significados conceituais advêm das perspectivas dos entrevistados.
10.	As categorias conceituais são integradas em hipóteses que se relacionam formando uma teoria.

Fonte: Elaborada pelas Autoras (2020).

Por fim, o Quadro 4 resume as diferenças entre os procedimentos metodológicos adotados por Glaser e Strauss (1967), Strauss e Corbin (2008) e Charmaz (2009) para a Grounded Theory.

Corrêa, S. C. H. & Gosling, M. de S. (2020). Grounded Theory: uma abordagem metodológica congruente com a pesquisa em Turismo. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 12(4), 839-859. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i4p839>

Quadro 4 – Diferenças metodológicas entre os autores seminais da Grounded Theory

Diferenças nas abordagens metodológicas dos autores seminais da <i>Grounded Theory</i>	
Glaser e Strauss (1967)	<p>Codificação teórica: Códigos teóricos pré-estabelecidos são utilizados para conceituar a forma como os códigos substanciais podem se relacionar entre si enquanto hipóteses a serem integradas em uma teoria.</p> <p>Realização da revisão bibliográfica após uma análise livre de preconceções.</p> <p>Abordagem objetivista-positivista.</p>
Strauss e Corbin (2008)	<p>Uso diagramas para análise das relações entre categorias.</p> <p>Codificação aberta: Geração de códigos e categorias, com propriedades e dimensões.</p> <p>Codificação axial: Subcategorias são criadas para explicar uma categoria sob os aspectos como, por quê, quando, onde, quem e com quais consequências.</p> <p>Codificação seletiva: As categorias são integradas formando um esquema teórico maior.</p> <p>Admite a revisão bibliográfica antes, durante e após a coleta de dados, e a introdução de preconceções na análise dos dados.</p> <p>Abordagem interpretativista.</p>
Charmaz (2009)	<p>Entrevista intensiva.</p> <p>Dados textuais extraídos e existentes.</p> <p>Codificação inicial: Cada palavra, linha ou segmento de dado é codificado com palavras/frases que indicam ações no gerúndio para melhor entendimento dos processos e identificação de possibilidades teóricas.</p> <p>Codificação focalizada: Códigos significativos ou mais frequentes são utilizados para explicar e sintetizar segmentos maiores de dados, categorizando os dados de forma mais completa.</p> <p>As categorias podem emergir dos códigos focalizados ou não.</p> <p>A escrita livre focalizada nos dados, e nas categorias, e os agrupamentos gráficos são recursos auxiliares à redação dos memorandos.</p> <p>A classificação, comparação e integração dos memorandos auxilia na criação e refinamento das conexões teóricas ou no estabelecimento de um processo.</p> <p>Defende o retardar da revisão bibliográfica e os fundamentos pragmatistas da teoria fundamentada, mas entende que o pesquisador vai a campo com conceitos sensibilizadores.</p> <p>Admite que o resultado das análises são construções da realidade pela interação entre pesquisadores e entrevistados e um retrato interpretativo do fenômeno estudado.</p> <p>Codificação teórica: Definição da categoria-código central que sintetiza a teoria encontrada.</p> <p>Abordagem construtivista-interpretativista.</p>

Fonte: Elaborada pelas Autoras (2020).

A GROUNDED THEORY NOS ESTUDOS DO TURISMO

A Teoria Fundamentada ganhou popularidade nos estudos sobre o Turismo e Hospitalidade devido à clareza dos seus procedimentos metodológicos e à possibilidade de descoberta de novas categorias teóricas em áreas carentes de teoria substantiva (Matteucci & Gnoth, 2017). A teoria substantiva compreende uma realidade local, particular, relacionada a um grupo de pessoas. Portanto, aspectos singulares das experiências turísticas podem ser passíveis de investigação por meio da teoria fundamentada em dados. Notadamente, a Teoria Fundamentada se mostra profícua para o estudo do comportamento do turista porque por meio

dela é possível captar as complexidades e nuances das experiências de viagem e do processo de decisão do viajante (Woodside, MacDonald & Burford, 2004; Martin, 2007).

Sendo assim, as situações específicas do dia a dia se caracterizam por um contexto fértil para a revelação de teorias substantivas acerca do comportamento do visitante, como nos estudos sobre a(o): (a) a elaboração de uma estrutura teórica para a percepção chinesa da tranquilidade elaborada por meio de um processo geográfico que considera a relação do turista com sua motivação, o ambiente, o seu comportamento, emoções e atividades psicológicas (Hu et al., 2020); (b) as fontes de desconfiança no AirBnb (Sthapit & Björk, 2019); (c) a adoção de práticas de sustentabilidade pelo turista (Kornilaki & Font, 2019); (d) a confiança do turista no destino turístico (Liu, Wang, Fang & Zhang, 2019); (e) a imersão e envolvimento do turista com o cenário da experiência em museu (Blumenthal & Jensen, 2019); e, (f) a construção da identidade do mochileiro chinês (Zhang, Tucker, Morrison & Wu, 2017).

Mas, além do comportamento do turista, a teoria fundamentada tem sido usada para investigar a perspectiva do prestador de serviço turístico, tais como na investigação da(o): (a) construção de um modelo teórico para um destino inteligente sustentável (Shafiee, Ghatari, Hasanzadeh & Jahanyan, 2019); (b) experiência *online* com a marca do destino (Jiménez-Barreto, Sthapit, Rubio, & Campo, 2019); (c) interpretação das atendedoras de quarto sobre a sua rotina de trabalho face a proximidade do visitante (Kensbock *et al.*, 2016); (d) ponto de vista dos empresários do Turismo na interação com o setor público (Gomes et al., 2014).

Os exemplos aqui reunidos tomam por base os olhares do visitante, do prestador de serviço e das empresas do Turismo, mas é possível ir além e deslocar o ponto de vista para outros sujeitos como aqueles que representam a governabilidade, as organizações de marketing do destino, a comunidade anfitriã ou imigrantes, por exemplo. Além disso, a teorização fundamentada em dados pode contemplar diversas especificidades dos objetos estudados no âmbito do Turismo como a hospitalidade, mobilidade, gastronomia, espaços turísticos, patrimônio e gestão das atividades turísticas, considerando-se ainda, as inúmeras possibilidades de interdisciplinaridade com outros campos do conhecimento.

A título de sugestão de pesquisa toma-se como exemplo as experiências turísticas inteligentes, um fenômeno de caráter interdisciplinar, que integra Turismo com a tecnologia de comunicação e informação (Femenia-Serra & Neuhofer, 2018). As experiências turísticas inteligentes têm como principal característica serem mediadas pela tecnologia da informação e comunicação. Portanto, dado que já foi verificado que visitantes negros são discriminados em suas viagens (Lee & Scott, 2017), a teoria fundamentada em dados poderia ser utilizada para a elaboração de

uma teoria substantiva sobre as formas de discriminação no uso de aplicativos de hospedagem compartilhada. Por meio da teoria fundamentada pode-se descobrir as categorias de discriminação, suas condições e formas de enfrentamento.

Apesar de vislumbrarmos novas descobertas por meio da *Grounded Theory*, não podemos deixar de notar que, nos artigos apontados neste trabalho, talvez em função das peculiaridades e complexidades do fenômeno turístico, foram identificadas variações na aplicação da teoria fundamentada. Os autores seminais têm recomendado a entrevista em profundidade, a imersão comparativa nos dados e o retorno recorrente ao campo para que as lacunas teóricas sejam preenchidas à benefício do estabelecimento da teoria substantiva. No entanto, apesar muitos pesquisadores empregarem estes procedimentos, tal como no estudo sobre a percepção das atendentes de quarto sobre si mesmas por meio da atuação [performing] (Kensbock et al., 2016), observa-se que alguns têm desprestigiado as entrevistas a favor de outras técnicas de coleta.

Neste sentido, citam-se como exemplos, a análise de material documental, tais como as revisões sobre a hospedagem elaboradas por hóspedes da plataforma AirBnb (Sthapit & Björk, 2019) ou a análise de material bibliográfico sobre destinos inteligentes visando a elaboração de uma teoria substantiva acerca da sustentabilidade destes destinos (Shafiee et al., 2019). Nestes casos, questiona-se até que ponto, os autores estão sendo suficientemente capacitados sobre o que seja a proposta do método, uma vez que se distanciam dos seus procedimentos mais comuns. Shafiee et al. (2019) chegam a colocar no título de seu trabalho que fazem uma revisão sistemática, enquanto que Sthapit & Björk (2019) parecem realizar uma análise de conteúdo. Assim, percebe-se que as precauções de Matteucci e Gnoth (2017) sobre a versatilidade do pesquisador do Turismo no uso da teoria fundamentada ainda permanecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria Fundamentada nos Dados foi se ajustando ao longo dos anos de acordo com as abordagens epistemológicas e ontológicas dos pesquisadores. A interpretação de Charmaz sobre seus procedimentos metodológicos deu à teoria fundamentada grande flexibilidade, de tal forma que, em respeito à formação do conhecimento e aos princípios paradigmáticos dos pesquisadores, a autora reconhece que ela possa ser aplicada em sua versão mais objetivista ou em sua abordagem construtivista. Com isso, a autoria entende que suas técnicas e métodos possam ser empregados tanto para a criação de uma teoria substantiva, quanto nos estágios iniciais de pesquisa, quando o pesquisador está se apropriando de um tema. Este é o caso dos

pesquisadores que usam a teoria fundamentada em estudos preliminares à elaboração de escalas (Liu et al., 2019).

Strauss e Corbin (2008) também defendem um uso flexível da teoria fundamentada argumentando que ela deve ser usada mesmo que o interesse do pesquisador seja fazer um ordenamento conceitual dos dados que têm em mãos. O ordenamento conceitual é um precursor da teorização. Ele ainda não é uma teoria porque carece explicações bem desenvolvidas acerca das relações entre as categorias que explicam os fenômenos. Mas, por meio dele já é possível organizar os dados em categorias, segundo as suas propriedades e dimensões mais gerais.

Dada a versatilidade da teoria fundamentada, tem sido possível conciliá-la com outras metodologias de pesquisa, tais como a teoria crítica (Matteucci & Gnoth, 2017) e a etnografia (Pinto & Santos, 2012). O trabalho de Pinto e Santos (2012), por exemplo, mostra como compatibilizar a coleta de dados de acordo com princípios da etnografia com a construção de teorias pela *Grounded Theory*. Práticas de pesquisa incorporadas são transformacionais abrindo novas possibilidades de apreensão dos fenômenos (Matteucci & Gnoth, 2017). Os autores da teoria fundamentada trabalham neste sentido ao propor estratégias de sistematização das informações, hierarquização e criteriosa descrição que facultam a outros campos do conhecimento alcançarem também a proposição de teorias substantivas.

Os estudos do e sobre o Turismo avançaram tomando emprestado teorias formuladas em outros campos do conhecimento como a sociologia, economia e filosofia. Assim, emergiram modelos teóricos com enfoque espacial e sistêmico visando explicar o fenômeno a benefício da gestão de destinos e empresas turísticas (Lohmann & Panosso Netto, 2012). Não obstante, alguns autores procuram se destacar dessas correntes pragmáticas para avançar na direção dos fundamentos epistêmicos do Turismo (Nechar & Panosso Netto, 2010). Neste contexto, emerge a Teoria Fundamentada nos Dados como uma possibilidade metodológica capaz de trazer à tona as relações entre sujeito-objeto do fenômeno turístico, as quais ainda que não expliquem toda a complexidade do fenômeno, refletem a realidade subjetiva e particular do sujeito turístico convertida em teoria substantiva a partir da análise crítica do pesquisador.

REFERÊNCIAS

Beni, M. C. (2003). *Análise estrutural do Turismo*. São Paulo: Senac.

Beni, M. C., & Moesch, M. (2016). Do discurso da Ciência do Turismo para a Ciência do Turismo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, (25), 9-30. [Link](#)

Corrêa, S. C. H. & Gosling, M. de S. (2020). Grounded Theory: uma abordagem metodológica congruente com a pesquisa em Turismo. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 12(4), 839-859. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i4p839>

- Blumenthal, V., & Jensen, Ø. (2019). Consumer immersion in the experiencescape of managed visitor attractions: The nature of the immersion process and the role of involvement. *Tourism Management Perspectives*, 30, 159-170. [Link](#)
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Coelho, M. de F., Gosling, M. de S., & Almeida, A. S. A. de. (2018). Tourism experiences: Core processes of memorable trips. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 37, 11–22. [Link](#)
- Cook, K. S., Cheshire, C., & Gerbasi, A. (2018). Power, dependence, and social exchange theory. In: P. J. Burker (Org.), *Contemporary social psychological theories* (Second). Stanford: Stanford University Press.
- Femenia-Serra, F., & Neuhofer, B. (2018). Smart tourism experiences: conceptualisation, key dimensions and research agenda. *Investigaciones Regionales - Journal of Regional Research*, 42(December), 129-150. [Link](#)
- Ferreira, D. A., & Moura, G. L. (2015). Entre a dicotomia precursora e as novas possibilidades: divergências paradigmáticas na Grounded Theory . *V Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*, 1-12. Salvador: Anpad.
- Fuster, L. F. (1971). *Teoría y técnica del Turismo*. Madrid: Nacional.
- Glaser, B. G., & Holton, J. (2004). Remodeling Grounded Theory. *Forum: Qualitative Social Research*, 5(2), 1-15. [Link](#)
- Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of Grounded Theory : strategies for qualitative research* (Renewed 19). New Brunswick: Aldine Transaction.
- Gomes, B. M. A., Vargas-Sánchez, A., & Pessali, H. F. (2014). Interação empresários-setor público no Turismo: Uma análise institucional e neocorporativista na cidade de Huelva (Espanha). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8(3), 382-402. [Link](#)
- Green, B. C., & Chalip, L. (1998). Sport tourism as the celebration of subculture. *Annals of Tourism Research*, 25(2), 275-291. [Link](#)
- Hu, M., Zhang, Y., Zhang, H., Lu, Y., Zuo, L., Zhuang, M., ... Zhang, H. (2020). How do Chinese tourists perceive tranquillity during the tour? *Tourism Management Perspectives*, 34(March), 100666. [Link](#)
- Jafari, J. (2001). *Enciclopedia del Turismo*. Madrid: Síntesis.
- Jiménez-Barreto, J., Sthapit, E., Rubio, N., & Campo, S. (2019). Exploring the dimensions of online destination brand experience: Spanish and North American tourists' perspectives. *Tourism Management Perspectives*, 31, 348-360. [Link](#)

Corrêa, S. C. H. & Gosling, M. de S. (2020). Grounded Theory: uma abordagem metodológica congruente com a pesquisa em Turismo. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 12(4), 839-859. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i4p839>

- Kensbock, S., Jennings, G., Bailey, J., & Patiar, A. (2016). Performing: Hotel room attendants' employment experiences. *Annals of Tourism Research*, 56, 112-127. [Link](#)
- Kornilaki, M., & Font, X. (2019). Normative influences: How socio-cultural and industrial norms influence the adoption of sustainability practices. A Grounded Theory of Cretan, small tourism firms. *Journal of Environmental Management*, 230, 183-189. [Link](#)
- Lee, K. J., & Scott, D. (2017). Racial discrimination and african americans' travel behavior: the utility of habitus and vignette technique. *Journal of Travel Research*, 56(3), 381-392. [Link](#)
- Leiper, N. (1979). The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. *Annals of Tourism Research*, 6(4), 390-407. [Link](#)
- Liu, J., Wang, C., Fang, S., & Zhang, T. (2019). Scale development for tourist trust toward a tourism destination. *Tourism Management Perspectives*, 31, 383-397. [Link](#)
- Lohmann, G., & Panosso Netto, A. (2012). *Teoria do Turismo: Conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph.
- Martin, D. (2007). Management learning exercise and trainer's note for building Grounded Theory in tourism behavior. *Journal of Business Research*, 60(7), 742-748. [Link](#)
- Martin, D., & Woodside, A. (2008). Grounded Theory of international tourism behavior. *Journal of Travel and Tourism Marketing*, 24(4), 245-258. [Link](#)
- Matteucci, X., & Filep, S. (2017). Eudaimonic tourist experiences: the case of flamenco. *Leisure Sciences*, 36(1), 39-52. [Link](#)
- Matteucci, X., & Gnoth, J. (2017). Elaborating on Grounded Theory in tourism research. *Annals of Tourism Research*, 65, 49-59. [Link](#)
- Nechar, M. C., & Panosso Netto, A. (2010). Implicaciones epistemológicas en la construcción del conocimiento del Turismo. p. 15-40. In: M. C. Nechar & A. Panosso Netto (Orgs.), *Epistemología del Turismo: Estudios Críticos*. México: Trillas.
- Panosso Netto, A., & Nechar, M. C. (2014). Epistemologia do Turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8(1), 120-144. [Link](#)
- Pinto, M. de R., & Santos, L. L. da S. (2012). A Grounded Theory como abordagem metodológica: relatos de uma experiência de campo. *Organizações & Sociedade*, 19(62), 417-436. [Link](#)
- Saldaña, J. (2016). *The coding manual for qualitative researchers*. London: Sage.
- Salles, M. do R. R. (2018). A Pesquisa qualitativa e o campo da Hospitalidade: uma reflexão sobre a relação teoria e método. *Revista Turismo em Análise*, 28(3), 438-449. [Link](#)

Corrêa, S. C. H. & Gosling, M. de S. (2020). Grounded Theory: uma abordagem metodológica congruente com a pesquisa em Turismo. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 12(4), 839-859. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i4p839>

- Sant'Anna, A. de S., Nelson, R. E., & Oliveira, F. B. de. (2011). Empreendedorismo e o Desenvolvimento do Turismo na Cidade de Tiradentes. *Observatório de Inovação do Turismo - Revista Acadêmica*, 6(1), 1-27. [Link](#)
- Shafiee, S., Ghatari, A. R., Hasanzadeh, A., & Jahanyan, S. (2019). Developing a model for sustainable smart tourism destinations: A systematic review. *Tourism Management Perspectives*, 31, 287-300. [Link](#)
- Silva, R. C. da, Dantas, F. R. A., Medeiros, C. S. C., & Nobrega, W. R. de M. (2018). Apontamentos científicos em um campo multidisciplinar: Turismo, Ciência Moderna e Complexidade. *Turismo Visão e Ação*, 20(3), 447-459. [Link](#)
- Sthapit, E., & Björk, P. (2019). Sources of distrust: Airbnb guests' perspectives. *Tourism Management Perspectives*, 31, 245-253. [Link](#)
- Sthapit, E., & Jiménez-Barreto, J. (2018). Exploring tourists' memorable hospitality experiences: An Airbnb perspective. *Tourism Management Perspectives*, 28, 83-92. [Link](#)
- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- Woodside, A. G., MacDonald, R., & Burford, M. (2004). Grounded Theory of leisure travel. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 17(1), 7-39. [Link](#)
- Zhang, J., Tucker, H., Morrison, A. M., & Wu, B. (2017). Becoming a backpacker in China: A Grounded Theory approach to identity construction of backpackers. *Annals of Tourism Research*, 64, 114-125. [Link](#)
- Zupic, I., & Čater, T. (2015). Bibliometric methods in management and organization. *Organizational Research Methods*, 18(3), 429-472. [Link](#)